

SOBRE A RELAÇÃO ENTRE GRAMÁTICA UNIVERSAL E AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

*Ingrid Finger **

RESUMO

Este artigo visa demonstrar que, embora os processos de aquisição de primeira e segunda língua apresentem características distintas, existem semelhanças intrínsecas entre eles. A partir da constatação da existência de tais semelhanças, a visão de que as diferenças entre os dois processos resultam de aspectos não determinados pelo acesso aos princípios e parâmetros da Gramática Universal (GU) por aprendizes de uma segunda língua é defendida com base na análise de três hipóteses de acesso à GU encontradas na literatura especializada: a hipótese do acesso nulo, a hipótese do acesso parcial e a hipótese do acesso total.

ABSTRACT

In this paper, L1 and L2 acquisition processes are argued to be intrinsically similar. Based on such an assumption, it is claimed that differences between the two processes are not due to lack of access to principles and parameters of Universal Grammar by L2 learners. Three logical possibilities regarding the role of UG in L2 acquisition are analyzed: the no-access hypothesis, the partial access hypothesis, and the full access hypothesis.

* Mestre e doutoranda em Lingüística Aplicada (PUCRS). Professora do Departamento de Letras e Coordenadora do Curso de Especialização em Língua Inglesa da UNISC.

INTRODUÇÃO

No mundo inteiro, o interesse por parte dos lingüistas em promover estudos sobre a aquisição de segunda língua (L2) tem aumentado sensivelmente nas duas últimas décadas. Coincidentemente ou não, também nos últimos anos, questões econômicas e políticas têm determinado uma crescente preocupação em melhorar a possibilidade de comunicação entre os diversos países. Em países em desenvolvimento como o Brasil, por exemplo, não há quem resista em admitir a necessidade de se aprender uma segunda língua. A proliferação de escolas de línguas em todo o país é um exemplo disso.

Embora poucos contestem a necessidade de se desenvolver métodos mais eficazes de ensino/aprendizagem de uma segunda língua, a importância teórica de estudos sobre a aquisição e o uso de L2 não é consensual dentro da teoria lingüística. Nossa posição é a de que, da mesma forma que estudos sobre a aquisição de primeira língua (L1), estudos sobre o processo de aquisição de uma L2 podem ser extremamente relevantes para a teoria lingüística. Acreditamos que, se a preocupação central da teoria é determinar precisamente o conjunto das capacidades lingüísticas que os seres humanos possuem e, a partir disso, explicar como as línguas naturais podem ser adquiridas por todos os indivíduos, não podemos aceitar uma explicação meramente parcial – ou seja, uma explicação que considere apenas os aspectos relacionados à aquisição da língua materna pelos indivíduos.

Principalmente a partir do modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1991), a investigação sobre o processo de aquisição de L2 tem sido mais freqüentemente relacionada aos estudos da Gramática Universal. Os pesquisadores que seguem essa visão acreditam que, através de uma investigação cuidadosa, pode-se chegar à compreensão de, pelo menos, alguns dos processos mentais envolvidos na aprendizagem e no uso de uma segunda língua e que essa compreensão pode contribuir fundamentalmente para uma melhor caracterização da Gramática Universal. A teoria tem-se desenvolvido, portanto, na direção de buscar uma especificação clara e definida do papel que os princípios universais e os parâmetros específicos podem ter na aquisição de uma língua natural pelos indivíduos (L1 e L2).

Dentre os estudiosos que se preocupam em analisar os processos de aquisição de primeira e de segunda língua, há, também, aqueles que rejeitam a abordagem gerativista e, conseqüentemente, são contrários à suposição da existência da Gramática Universal (pelo menos no que diz respeito à L2). Segundo eles, a aquisição de uma primeira língua e a aquisição de uma segunda língua são processos fundamentalmente distintos e, portanto, uma mesma teoria – no caso, o modelo gerativista – não possui meios capazes de dar conta das

diferenças entre os dois processos.

Nosso trabalho desenvolve-se no sentido de provar que, embora existam, de fato, diferenças entre os dois tipos de aquisição (L1 e L2), é possível sustentar que os indivíduos, ao aprenderem uma língua natural, passam por processos intrinsecamente semelhantes e que as diferenças podem resultar de outros aspectos não determinados, necessariamente, a partir do acesso ou não aos princípios e parâmetros da Gramática Universal.

1 UMA TEORIA DA GRAMÁTICA UNIVERSAL

Dentro do programa de investigação da gramática gerativa, a Lingüística é concebida como uma ciência natural que possui a faculdade da linguagem como objeto essencial de estudo. A faculdade da linguagem é o componente da mente/cérebro humano dedicado exclusivamente à linguagem. A faculdade da linguagem tem um estado inicial, comum a todas as espécies que, em curso normal de desenvolvimento, dada a experiência apropriada, passa por uma série de estágios até atingir um estado relativamente estável. Em sua obra, Chomsky denominou *Gramática Universal* (GU) a esse estado mais puro da faculdade da linguagem. De acordo com essa visão, a Gramática Universal é um sistema aparentemente único e tipicamente humano de princípios inatos, biologicamente determinados, enraizado na nossa mente/cérebro.

O papel central da teoria lingüística é, nessa perspectiva, caracterizar e descrever, precisa e explicitamente, o conhecimento de que o ser humano dispõe, que o habilita a adquirir e usar a linguagem. Em outras palavras, o que se quer saber é o que constitui o conhecimento da linguagem: sua natureza, origem e uso. De acordo com Hornstein & Lightfoot,

uma teoria adequada da GU fornecerá uma explanação para o conhecimento que o falante maduro possui de princípios estruturais de sua língua para os quais não há evidência direta nos dados disponíveis a ele como criança, postulando que tal conhecimento resulta dos princípios inatamente especificados da gramática (1981, p. 18).

Além disso, embora o desenvolvimento da teoria gerativa aponte para uma interação cada vez maior do módulo da linguagem com outros módulos do sistema cognitivo, postula-se que a faculdade da linguagem é autônoma, possuindo estrutura e funcionamento independentes de outros módulos da mente/cérebro.

As idéias de Chomsky para a teoria lingüística provocaram não somente

uma mudança de enfoque nos programas de investigação lingüística, como também uma mudança na própria concepção de linguagem. Herdeira de uma tradição estruturalista, a concepção de linguagem que privilegia o caráter social das línguas humanas e as diversas línguas como produtos da construção humana é denominada por Chomsky (1986) de Linguagem-E (no sentido de externa, extensional e não-individual). A Linguagem-E é um construto entendido independentemente da mente/cérebro. A Linguagem-I (interna, intensional e individual), em oposição, é o que Chomsky caracteriza como o objeto central da teoria lingüística, pois é ela que constitui a propriedade da mente/cérebro do indivíduo que o habilita a conhecer uma língua. Assim, o modelo gerativo foi responsável por uma mudança de enfoque da teoria lingüística da Linguagem-E para a Linguagem-I, ou seja, o papel central da teoria não é mais descrever as diversas línguas que existem, mas, sim, investigar o que caracteriza o conhecimento da linguagem (internamente representado na mente/cérebro humano).

A Gramática Universal é construída como a teoria de Linguagens-I humanas, um sistema de condições que derivam da capacidade biológica humana que identifica as Linguagens-I que são humanamente acessíveis em condições normais (Chomsky, 1986, p. 23).

A suposição básica dos gerativistas é a de que a faculdade da linguagem é um componente biologicamente determinado, constituído de princípios universais e parâmetros específicos. Os princípios universais são estruturais, invariantes (comuns a todas as línguas) e restritivos, no sentido de que limitam a gama de configurações possíveis em uma língua natural. Hornstein & Lightfoot enfatizam que os “princípios não podem ser específicos às línguas, mas devem ser suficientemente abstratos para serem universalmente válidos, ainda que suficientemente ricos para mostrar como qualquer língua particular pode ser adquirida” (1981, p. 13-14). Muitos desses princípios são associados com parâmetros que devem ser fixados através da experiência. Os parâmetros são particulares a cada língua, embora as opções paramétricas sejam restritas. A hipótese é de que há certos parâmetros que especificam a variação possível entre as diversas línguas. Os valores desses parâmetros são fixados durante o processo de aquisição da linguagem a partir da evidência lingüística à qual o indivíduo tem acesso. Segundo Chomsky, “os parâmetros devem ter a propriedade de poderem ser fixados por evidência bastante simples, porque é isso que está disponível à criança” (1986, p. 146). À medida que os valores desses parâmetros são fixados durante a aquisição, uma gramática é construída – gramática núcleo (“core grammar”). Essa concepção é capaz de explicar o fato de que a cognição

humana não permite a existência de qualquer tipo de linguagem. Ou seja, todas as línguas humanas têm propriedades comuns porque a Gramática Universal exclui, elimina todas as gramáticas que não obedecem às suas propriedades fundamentais.

A aquisição da linguagem é concebida, portanto, como o processo de determinação dos valores dos parâmetros em uma das possibilidades permitidas pela GU. Chomsky enfatiza, ainda, que

a aprendizagem da linguagem não é, na verdade, algo que a criança faz; é algo que acontece à criança que é colocada em um ambiente apropriado, da mesma forma que o corpo da criança cresce e amadurece de forma predeterminada quando há nutrição adequada e estímulo do ambiente. O ambiente determina a forma na qual os parâmetros são fixados, gerando diferentes línguas (1988, p. 134).

É importante salientar, aqui, a distinção crucial entre gramática e linguagem/ língua proposta por Chomsky (1986, 1988, 1991, entre outros) e retomada por Epstein et al. (1996) e Flynn (1996). Dentro de uma perspectiva gerativista, a suposição central é a de o que o aprendiz, na verdade, adquire/aprende uma gramática e não uma língua. Uma gramática é um sistema de leis lingüísticas, um conjunto de princípios universais que possui parâmetros fixados em um ou outro de seus valores possíveis, enquanto que uma língua é um conjunto infinito de sentenças. Em função dessa distinção, seria mais apropriado utilizarmos os termos segunda gramática (G2) e aquisição de segunda gramática ou aquisição de G2, ao invés de segunda língua (L2) e aquisição de segunda língua. Para facilitar a compreensão, no entanto, optamos por utilizar os termos convencionais (segunda língua) embora tenhamos essa distinção sempre em mente no decorrer deste artigo.

2 A TEORIA DA GRAMÁTICA UNIVERSAL E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: O ARGUMENTO DA POBREZA DOS ESTÍMULOS PARA L2

A teoria gerativa postula, portanto, uma GU suficientemente flexível para que os indivíduos possam adquirir qualquer língua natural, ao mesmo tempo que suficientemente rígida, capaz de guiar e restringir o processo de aquisição. Chomsky (1986) discute a mudança na concepção de aquisição da linguagem provocada por seu modelo. Contrapondo-se à concepção defendida pelos

teóricos da tradição, que consideravam a linguagem como um sistema de hábitos superdeterminado pela evidência disponível, no qual a produção e a interpretação de novas formas era aprendida através de alguma forma de analogia, ele discute o chamado problema de Platão, ou problema da pobreza dos estímulos. Segundo esse modelo, embora o *input* lingüístico ao qual os indivíduos são expostos durante o curso da aquisição seja limitado e pobre, a sua competência lingüística não parece possuir as mesmas características. Ou seja, crianças e adultos são capazes de compreender e produzir sentenças inéditas e o conhecimento adquirido por um falante torna-o capaz de produzir um número infinito delas, embora o número a que tenha sido exposto seja finito e cheio de imperfeições. Ao afirmar que não é possível explicar a aquisição da linguagem com base somente no *input* ao qual se tem acesso, sem supor um certo conhecimento inato de algum tipo, os lingüistas propõem uma solução para o problema de Platão: a aquisição da linguagem seria mediada pela Gramática Universal, isto é, determinada pela interação entre a Gramática Universal e o *input* da língua que está sendo adquirida (White, 1989). Nessa perspectiva, a Gramática Universal é responsável pela especificação dos aspectos que, apesar de subdeterminados a partir do *input*, são uniformemente adquiridos por todos os falantes de uma certa língua.

Da mesma forma que no caso da L1, é possível provar que a experiência subdetermina o conhecimento lingüístico que os indivíduos possuem de uma L2. Isso significa dizer que, mesmo considerando contextos de ensino formal aos quais um aprendiz de uma segunda língua tem acesso, é fácil demonstrar que o conhecimento adquirido por esse indivíduo vai muito além do *input* lingüístico ao qual foi exposto. Esses fatos nos levam a admitir que o chamado problema de Platão também existe em aquisição de L2. Se isso for verdade, é razoável supormos que o processo pelo qual o indivíduo passa ao adquirir uma L1 seja o mesmo no caso de uma L2, postulando, portanto, que a aquisição de L2 seja restringida pelo mesmo conjunto de princípios que restringem a aquisição de L1, apesar do fato de, no caso da aquisição da L2, o indivíduo já possuir uma gramática.

Acreditamos, portanto, com Flynn (1988), que, apesar de a teoria da Gramática Universal, da forma como foi concebida por Chomsky, caracterizar somente o processo de aquisição da primeira língua, e não discutir, diretamente, o que acontece na aprendizagem de uma segunda língua, parece-nos razoável conceber que os mesmos princípios e parâmetros da Gramática Universal que determinam a aquisição da L1 possam, também, ser responsáveis pela aquisição de uma L2.

Embora a maioria dos estudos a respeito da aquisição de L2 sob uma perspectiva gerativista sejam um tanto recentes, é grande o número de autores

que acreditam que uma investigação mais sistemática do processo de aquisição de segunda língua pode ser de fundamental importância para a compreensão dos processos cognitivos específicos à linguagem ou, em outras palavras, para a caracterização da Gramática Universal. Epstein et al., por exemplo, alegam que

a compreensão de como a aquisição de L2 ocorre fornecerá uma perspectiva fundamentalmente importante e única sobre os processos mentais envolvidos na aprendizagem e no uso da linguagem. Em particular, fornece um contexto importante para a investigação da interação entre os processos cognitivos gerais e os processos especificamente lingüísticos. Essa perspectiva é diferente e complementar àquela fornecida pelo estudo da aquisição de L1 por crianças (1996:1-2).

É fundamental salientar, no entanto, que essa não é uma posição consensual entre os lingüistas. Como veremos a seguir, vários pesquisadores demonstram ceticismo em relação ao fato de a GU desempenhar algum papel no processo de aquisição de L2.

3 A AQUISIÇÃO DE L1 E A AQUISIÇÃO DE L2: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Segundo Flynn (1996), os autores que defendem que a GU não está presente no processo de aquisição de L2 baseiam suas defesas na consideração dos processos de aquisição de primeira e de segunda língua como fundamentalmente distintos. São muitas as justificativas dadas: os adultos conhecem/dominam, pelo menos, uma gramática, que poderia lhes servir como base para a tradução da gramática a ser aprendida; os adultos possuem um sistema cognitivo mais desenvolvido do que as crianças; ao contrário das crianças, os adultos recebem instrução formal, possuem exposição à evidência negativa e sofrem correção de erros. Além disso, é grande o número de adultos que parece não serem capazes de atingir uma competência nativa completa na segunda língua. Por essa razão, há pesquisadores que resgatam a hipótese da existência de um período crítico para a aquisição da linguagem (Lenneberg, 1967) e, a partir disso, defendem que a idade é um aspecto determinante para a aquisição de uma L2 (ver, por exemplo, Johnson & Newport, 1991; Schachter, 1989, 1990, 1996).

Por outro lado, vários autores (Epstein et al., 1996; Flynn, 1996, dentre outros) sugerem que há razões suficientes para se acreditar na existência de uma

semelhança intrínseca e subjacente entre os processos de aquisição de L1 (crianças) e L2 (adultos). Flynn (1996), por exemplo, cita pesquisas recentes que sugerem que crianças e adultos não diferem tanto quanto se pensava há alguns anos em termos de habilidades computacionais e de capacidade de atenção. Além disso, argumenta que a existência de um período crítico para a aquisição da linguagem tem sido amplamente contestada. Para ela, é razoável esperar que a mesma faculdade da linguagem envolvida na aprendizagem da primeira língua esteja, de forma semelhante, envolvida na aprendizagem da segunda língua, pois sabemos que a espécie humana é unicamente programada para aprender línguas, uma capacidade partilhada por adultos e crianças.

A priori, é possível que ambos (processos de aquisição de L1 e de L2) decorram do mesmo conjunto de princípios intrínsecos de aquisição a fim de (dizer) que diferenças de maturação entre adultos e crianças não afetam significativamente a faculdade da linguagem (Flynn, 1987:3).

É possível supormos que a hipótese do período crítico tenha agregado um número grande de defensores em função da baixa incidência de adultos que, comprovadamente, atingem um nível de proficiência nativa na L2. Acreditamos, no entanto (da mesma forma que Epstein et al. 1996 e White 1996), que o fato de aceitarmos a idéia de que possam existir efeitos de idade que interfiram no processo de aquisição de L2 não significa postularmos que isso sempre ocorre. Em outras palavras, aceitarmos que adultos geralmente não obtêm o mesmo nível de sucesso na aquisição de uma segunda língua que aprendizes mais jovens não acarreta admitirmos que não seja possível existir competência em L2. A nosso ver, a questão central a ser discutida por uma teoria que postule um módulo específico para a linguagem é precisamente se adultos são, em "alguma" medida, capazes de atingir competência lingüística em propriedades da gramática supostamente definidas a partir do acesso aos princípios e parâmetros da GU.

Resultados de vários estudos têm sido utilizados na tentativa de se provar que não há impossibilidade de acesso à GU com o passar do tempo. David Birdsong (1992), por exemplo, desenvolveu um importante estudo no qual visa provar que há casos de competência nativa em L2 por adultos aprendizes de L2. Lydia White defende que

embora a proficiência em L2 esteja sujeita a efeitos de idade, no sentido de que aprendizes mais velhos têm menor probabilidade de atingir proficiência nativa do que os mais jovens, a competência lingüística não está, em si

mesma, sujeita a declínio biológico. Efeitos de idade, portanto, não ocorrem devido a declínio em acesso à GU, mas devem ser explicados por outros fatores (1996, p. 259) (grifo nosso).

Epstein et al. (1996) citam, até mesmo, uma mudança na terminologia usada pelos teóricos para se referirem ao fato de existir alguma relação entre a idade (em termos de maturação do cérebro) e o comportamento humano. Segundo eles, muitos autores têm discutido a possível existência de um período sensível ao invés de um período crítico, em função de

um crescente sentimento na área de que quaisquer que sejam os determinantes biológicos de comportamentos/capacidades, é improvável que eles se tornem totalmente indisponíveis após uma certa idade (1996, p. 680).

Uma outra constatação que pode ser usada para reforçar a idéia de que a Gramática Universal realmente desempenha algum papel na aquisição de L2 é o fato de somente certos tipos de erros serem cometidos pelos falantes, enquanto outros nunca ocorrem, embora a possibilidade de erros seja logicamente infinita. Flynn & Martohardjono (1994) salientam que isso ocorre da mesma forma em aprendizagem de L1 e de L2 provando que o conhecimento da linguagem, tanto de adultos quanto de crianças, tem dependência estrutural (*structure-dependent*).

Acreditamos, portanto, que os argumentos dados contra a suposição de que o mesmo módulo cognitivo, a Gramática Universal, responsável por guiar a aquisição da linguagem seja responsável por todos os tipos de aprendizagem de linguagem não são suficientes. Compartilhamos da mesma opinião de Flynn & Martohardjono que "...não há, *a priori*, razão para propor que embora a GU seja subjacente à L1 no estado estável (Ss) em adultos e continue disponível ao adulto no uso de sua L1, ela seja passiva e inoperante durante a aquisição e uso de uma L2" (1994:320). Segundo elas, o fato de adultos serem capazes e, de fato, aprenderem novas línguas fornece

evidência empírica suficiente para sugerir que pode existir uma similaridade profunda entre aquisição de L1 (crianças) e de L2 (adultos). (...) Na verdade, parece haver certas similaridades importantes que sugerem que os dois processos derivam da mesma fonte (1994, p. 320).

O próximo passo, então, é discutir em que medida a aquisição de L2 é restringida pelos mesmos princípios que determinam a aquisição de L1. A seguir, analisaremos as três possibilidades lógicas articuladas na teoria lingüística a respeito do papel da GU no processo de aquisição de segunda língua. De acordo com Epstein et al. (1996), Flynn (1996), White (1989), dentre outros, existem três hipóteses: a hipótese do acesso nulo, a hipótese do acesso parcial e a hipótese do acesso total.

4 SOBRE A GU E A AQUISIÇÃO DE L2

4.1 A Hipótese do acesso nulo (HAN)

De acordo com os defensores desta hipótese (Clahsen & Muysken, 1986, 1996; Clahsen, 1988 e Bley-Vroman, 1989, 1996), a aquisição de primeira e de segunda língua são processos guiados por conjuntos completamente distintos de princípios. Apesar de aceitarem que a GU guia o processo de aquisição de L1, esses autores alegam que nenhum aspecto da GU interfere no processo de aquisição de L2. Clahsen & Muysken (1996) comparam a aprendizagem de L2 com qualquer outro tipo de processo de aprendizagem humana que não é determinado pelo acesso ou não aos princípios da GU, como a aprendizagem de linguagens computacionais, formas literárias e rituais de dança. Segundo eles,

adultos aprendizes de L2 (como resultado de sua aquisição de L1) perderam as opções paramétricas que não são instanciadas em sua língua nativa. (...) o contraste entre o desenvolvimento de L1 e L2 é real e fundamental: opções paramétricas especificadas na GU estão acessíveis aos aprendizes de L1 mas não de L2 (1996, p. 722).

Bley-Vroman (1989, 1996), por sua vez, enfatiza a diferença entre a aprendizagem de L1 (crianças) e de L2 (adultos) dizendo que embora o problema da pobreza dos estímulos também possa ser discutido com relação à aprendizagem de L2, o que deve ser explicado por uma teoria da linguagem é diferente: ao contrário do que ocorre com a L1, a aprendizagem de uma L2 não é sempre bem-sucedida, o conhecimento adquirido pelos falantes não é uniforme em uma mesma comunidade lingüística, há sensibilidade a fatores afetivos como, por exemplo, motivação e atitudes, e há interferência de instrução formal e evidência negativa.

Para Bley-Vroman, uma teoria da GU que postule procedimentos específicos para a aquisição da linguagem com restrições inatas e instanciação de parâmetros pode ser capaz de explicar o que ocorre com a L1, mas não explica o processo de aquisição de L2. Por essa razão, Bley-Vroman (1989, 1996) formulou a Hipótese da Diferença Fundamental (HDF), com base nos princípios operantes formais de Piaget.

A HDF postula que, para o adulto, a informação sobre como as línguas podem ser é disponível primeiramente através da primeira língua e da representação mental de sua gramática. Vários mecanismos não especificamente lingüísticos estão envolvidos na construção do sistema de conhecimento da L2. (...) A HDF permite efeitos de tipo GU via L1 e tem proposto que processos "periféricos" à linguagem possam estar envolvidos na aquisição de L2 (1996, p. 18).

4.2 A hipótese do Acesso Parcial (HAP)

As duas versões mais conhecidas dessa hipótese são apresentadas por Schachter (1989) e Strozer (1994). De acordo com esses autores, a GU não deve ser vista como base para o processo de aquisição de segunda língua, pois o aprendiz não possui acesso independente à GU. Nesse caso, somente princípios invariantes da GU e valores de parâmetros que já foram instanciados na L1 permanecem disponíveis ao aprendiz de L2. Conforme a HAP, o conhecimento da GU na aquisição de L2 é limitado de forma bastante específica. O aspecto mais problemático dessa proposta é que em todos os casos em que um ou mais valores paramétricos não coincidem na L1 e na L2, ou quando certos valores não são instanciados na L1, prevê-se que a fluência completa na L2 não seja possível.

4.3 A hipótese do Acesso Total (HAT)

Esta proposta, apresentada de forma bastante detalhada em Epstein et al. (1996), postula que, de forma semelhante ao que ocorre na aquisição de L1, os princípios e parâmetros da GU estão disponíveis ao aprendiz de L2. Seus defensores alegam que, apesar de ser óbvia a constatação de que existem diferenças entre os processos de aquisição de L1 e de L2, essas diferenças não se dão por falta de acesso à GU. Em outras palavras, mesmo que as gramáticas da L1 e da L2 sejam diferentes com relação aos princípios universais e instanciação de parâmetros, os aprendizes de L2 são capazes de atribuir novos valores paramétricos no processo de construção da gramática de sua L2,

conforme prevê a teoria da GU.

É importante salientar, aqui, que defender a HAT não acarreta negar a existência de diferenças entre os processos de aquisição de L1 e de L2 por crianças e adultos respectivamente. Como foi afirmado anteriormente, é possível que efeitos de idade interfiram nos dois processos de forma distinta, ou seja, é possível que a aquisição de certos aspectos da gramática (não determinados a partir da GU) seja sensível a fatores como idade, ou motivação, por exemplo.

O aspecto básico dessa proposta é a defesa de que as diferenças que existem entre a aquisição de L1 e de L2 não ocorrem devido à impossibilidade de acesso à GU no caso de L2, pois a faculdade da linguagem é responsável por restringir o espaço de hipóteses em todos os processos de aquisição da linguagem. Para Epstein et al.,

postular que a GU (Gramática Universal) restringe o crescimento do conhecimento de L2 não acarreta trajetórias de desenvolvimento idênticas para aquisição de primeira e segunda língua; nem exclui um papel para a L1 (1996, p. 46).

Além disso, afirmam que, em geral, as críticas que são formuladas contra a hipótese do acesso total são impróprias à medida que comprometem seus defensores com a previsão de que os adultos sempre atingirão um nível de proficiência nativo na L2. Em função disso, consideram de fundamental importância analisar a distinção competência versus desempenho.

Mesmo que seja verdadeiro que a maioria dos aprendizes fracassem em atingir um nível de proficiência nativo na L2, isso não significa que competência em L2 não possa existir. Em outras palavras, mesmo que a proficiência nativa em L2 seja exceção, ela é não só possível, como também prevista pela hipótese do acesso total, ao contrário do que é postulado pelas hipóteses do acesso nulo e do acesso parcial. Além disso, da mesma forma que em L1, deficiências em desempenho não são suficientes para se postular incapacidade em termos de competência lingüística. Além da GU, existem vários outros fatores que interferem no processo de aquisição da linguagem, tanto em L1 como em L2 como, por exemplo, fatores emocionais, aprendizagem, ambiente lingüístico e estímulo. Crain (1991) afirma que estudos psicolingüísticos com crianças têm demonstrado que, em muitos casos, os problemas de desempenho normalmente atribuídos à falta de conhecimento sintático da criança, ocorrem, na verdade, por dificuldades no processamento das sentenças. Segundo ele, se é verdade que podemos atribuir a fatores não-sintáticos alguns dos problemas de compreensão de sentenças apresentados por crianças, é possível que possa haver "menor divergência do que comumente se acredita entre as gramáticas da criança e do

adulto" (1991, p. 601). Essa constatação é importante se considerarmos que a observação de incapacidade de um falante em termos de desempenho lingüístico não acarreta, necessariamente, sua incapacidade em termos de competência lingüística. Como afirmam Epstein et al.,

é inteiramente possível e completamente consistente com a hipótese de acesso total que um dado aprendiz de L2 tenha alcançado o estado estável da gramática-alvo sem que isso seja de alguma forma refletido no seu uso da gramática-alvo (1996, p. 749).

Uma outra crítica constantemente formulada contra a hipótese de acesso total diz respeito à função da L1 na aquisição de L2. White (1996) e Schwartz (1996), em seus comentários a respeito de Epstein et al. (1996), por exemplo, alegam que esses autores não aceitam que a L1 desempenhe algum papel no processo de aquisição de L2. Epstein et al., no entanto, rebatem as críticas argumentando que não há, na proposta de acesso total à GU, qualquer postulação que negue a possibilidade de que a L1 interfira na aquisição de L2. Segundo eles, o que ocorre é que a HAT, em si mesma, prevê, somente, que em nenhum momento da aquisição a gramática do aprendiz de L2 viola qualquer princípio da GU, e não apresenta qualquer predição a respeito da natureza do estado inicial da L2, por não ser sua tarefa. Com relação a isso, apesar de aceitarem que a L1 possa, de fato, interferir no processo, citam estudos que confirmam que "o aprendiz de L2 (...) parece não construir a gramática de L2 em total conformidade com a gramática da L1" (1996, p. 750). Além disso, mencionam também o fato de aprendizes de diferentes *backgrounds* lingüísticos passarem por estágios semelhantes durante a aquisição do inglês, o que confirmaria o fato de que não é possível postularmos que a L1 determine todos os aspectos da aquisição da L2.

Finalmente, outro aspecto fundamental na discussão sobre a aquisição de segunda língua é a distinção entre conhecimento e desenvolvimento da linguagem. Muitas das críticas feitas à HAT vão no sentido de acusar a incapacidade de essa proposta explicar como se dá o desenvolvimento da L2. Para Epstein et al. (1996), assim como nas pesquisas em aquisição de L1 sob uma perspectiva gerativista, há três áreas centrais de investigação em estudos de aquisição de L2: a natureza do conhecimento da linguagem, seu desenvolvimento e seu uso. Segundo eles, embora esses três aspectos sejam intimamente relacionados, possuem características próprias e, portanto, devem ser estudados separadamente. Por essa razão, defendem que a especificação de, pelo menos, algumas propriedades a respeito da natureza do conhecimento da linguagem deve ser,

necessariamente, anterior à investigação sobre o desenvolvimento e o uso desse conhecimento. Assim, não é tarefa da HAT analisar como se dá o desenvolvimento da linguagem.

À medida que a HAT somente afirma que as gramáticas dos aprendizes de L2 são restringidas por princípios e parâmetros da GU, ela pouco diz, por si mesma, sobre o desenvolvimento ou o curso da aquisição. Isso é porque ela é uma hipótese a respeito dos estados de conhecimento possíveis do aprendiz de L2, ou seja, o que o aprendiz de L2 pode vir a saber, e não uma hipótese sobre como a aquisição da linguagem ocorre (desenvolvimento) ou sobre como a linguagem é usada (desempenho) (Epstein et al., 1996, p. 747).

CONCLUSÃO

Neste artigo, nosso principal objetivo foi demonstrar que, assim como os estudos sobre os processos de aquisição e desenvolvimento da língua materna, a pesquisa em aquisição de L2 pode fornecer contribuições fundamentais para o desenvolvimento da teoria lingüística, em especial, no que diz respeito à caracterização do papel desempenhado pelos princípios universais e parâmetros específicos da Gramática Universal. Nessa perspectiva, discutimos a relação entre a Gramática Universal e o processo de aquisição de L2, além da natureza do estado inicial da L2, com vistas a analisar criticamente os argumentos conceituais apresentados em defesa de cada uma das três hipóteses de acesso à GU encontradas na literatura especializada: a hipótese do acesso nulo, a hipótese do acesso parcial e a hipótese do acesso total.

Como vimos, a posição mais forte dentre as que postulam um módulo cognitivo independente e específico para a linguagem humana é a *Hipótese do Acesso Total* (Epstein et al. 1996). Segundo os defensores dessa hipótese, a aquisição de L2 é mediada/restringida pelos mesmos princípios e parâmetros que determinam a aquisição de L1. Acreditamos ter demonstrado que, embora os processos de aquisição de L1 e de L2 apresentem características distintas, existem semelhanças profundas entre eles. Com base na constatação da existência de tais semelhanças, defendemos a visão de que é razoável supor que as diferenças entre os dois processos resultem de aspectos não determinados a partir do acesso ou não aos princípios e parâmetros da GU por aprendizes de uma segunda língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRDSONG, D. Ultimate attainment in second language acquisition. *Language*, v.68, n.4, p.706-755, 1992.
- BLEY-VROMAN, R. What is the logical problem of foreign language learning? In: SCHACHTER, J., GASS, S. (Eds.) *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1989.
- _____. What we have to explain in foreign language learning. *Behavioral and Brain Sciences*, v.19, n.4, p.718, 1996.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *Barriers*. Cambridge, MA: MIT Press, 1986.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- _____. *Language and problems of knowledge: the Managua lectures*. Cambridge, MA: MIT Press, 1988.
- _____. Some notes on economy of derivation and representation. In: FREIDIN, R. *Principles and parameters in comparative grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CLAHSEN, H. Parameterized grammatical theory and language acquisition: a study of the acquisition of verb placement and inflection by children and adults. In: FLYNN, S., O'NEIL, W. (Eds.) *Linguistic theory in second language acquisition*. Dordrecht: Kluwer, 1988.
- CLAHSEN, H., MUYSKEN, P. The availability of Universal Grammar to adult and child learners: a study of the acquisition of German order. *Second Language Research*, v.2, n.1, p.93-119, 1986.
- _____. How adult second language learning differs from child first language development. *Behavioral and Brain Sciences*, v.19, n.4, p.721-723, 1996.
- CRAIN, S. Language acquisition in the absence of experience. *Behavioral and Brain Sciences*, v.14, n.4, p. 597-612, 1991.
- EPSTEIN, S., FLYNN, S., MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. *Behavioral and Brain Sciences*, v.19, n.4, p. 677-714, 1996.

- _____. Universal Grammar and second language acquisition: the Null Hypothesis. *Behavioral and Brain Sciences*, v.19, n.4, p.746-758, 1996.
- FLYNN, S. *A parameter-setting model of L2 acquisition: experimental studies in anaphora*. Dordrecht, Holland: D. Reidel, 1987.
- _____. Second language acquisition and grammatical theory. In: NEUMEYER, F. (Ed.) *Linguistic theory: extensions and implications: Vol.2*. Cambridge: CUP, 1988.
- _____. A parameter setting approach. In: RITCHIE, W., BHATIA, T. (Eds.) *Handbook of second language acquisition*. San Diego, CA: Academic Press, 1996.
- FLYNN, S., MARTOHARDJONO, G. Mapping from the initial state to the final state: the separation of universal principles and language specific properties. In: LUST, B. et al. (Eds.) *Syntactic theory and first language acquisition: crosslinguistic perspectives: Vol.1 Phrase structure*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1994.
- FLYNN, S., O'NEIL, W. (Eds.) *Linguistic theory in second language acquisition*. Dordrecht: Kluwer, 1988.
- HAWKINS, R., TOWELL, R., BAZERGUI, N. Universal Grammar and the acquisition of French verb movement by native speakers of English. *Second Language Research*, v.9, n.3, p.189-233, 1993.
- HORNSTEIN, N., LIGHTFOOT, D. (Eds.) *Explanation in linguistics: the logical problem of language acquisition*. London: Longman, 1981.
- JOHNSON, J., NEWPORT, E. Critical period effect on universal properties of language: the status of subadjacency in the acquisition of a second language. *Cognition*, v.39, p.215-258, 1991.
- LENNEBERG, E. *Biological foundations of language*. New York: Wiley, 1967.
- SCHACHTER, J. Testing a proposed universal. In: GASS, S., SCHACHTER, J. (Eds.) *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge: CUP, 1989.
- _____. Maturation and the issue of Universal Grammar in second language acquisition. In: RITCHIE, W., BHATIA, T. (Eds.) *Handbook of second language acquisition*. San Diego, CA: Academic Press, 1996.

- SCHWARTZ, B. Now for some facts, with a focus on development and an explicit role for the L1. *Behavioral and Brain Sciences*, v.19, n.4, p.739-740, 1996.
- STROZER, J. *Language acquisition after puberty*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1994.
- WHITE, L. *Universal Grammar and second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.
- _____. Adverb placement in second language acquisition: some effects of positive and negative evidence in the classroom. *Second Language Research*, v.7, n.2, p.133-161, 1991.
- _____. Universal Grammar and second language acquisition. In: RITCHIE, W., BHATIA, T. (Eds.) *Handbook of second language acquisition*. San Diego, CA: Academic Press, 1996.
- _____. UG, the L1, and questions of evidence. *Behavioral and Brain Sciences*, v.19, n.4, p.745-746, 1996.
- WHITE, L., GENESEE, F. How native is near-native? The issue of ultimate attainment in adult second language acquisition. *Second Language Research*, v.12, n.3, p.233-265, 1996.